



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## MARAGOJIPE EM *HISTÓRIAS MENORES*.

Ana Paula Rebouças Lessa<sup>1</sup>  
Universidade do Estado da Bahia  
paula\_lessa02@hotmail.com

### RESUMO:

Este artigo intenciona apontar as primeiras impressões acerca do estudo da coleção de crônicas de viés histórico denominadas *Histórias Menores: Capítulos da História de Maragojipe* (1981-1983). Tais crônicas narram a história de Maragojipe desde a colonização até meados do século XX, baseadas em fontes oficiais como atas da câmara municipal, obras da historiografia baiana e brasileira, relatos orais e as memórias de seu autor, o literato e memorialista maragojipano Osvaldo Sá.

**PALAVRAS- CHAVE:** Maragojipe, *Histórias Menores*, memorialismo histórico.

### INTRODUÇÃO

De acordo com Osvaldo Sá, o semanário noticioso chamado “*Arquivo*”, circulou em Maragojipe, de maio de 1951 até novembro de 1976. Segundo o cronista, o jornal ganhou notoriedade junto ao povo da cidade “em face da segurança de seus conceitos e correção do noticiário” (SÁ, 1983.p.31). Foram nas páginas do referido jornal que Osvaldo Sá, levou pela primeira vez a público as suas “*Histórias Menores*”. Crônicas históricas cujo tema era a História de Maragojipe. Maragojipe é um município de origem colonial (1724), situado na região que historicamente se conhece por Recôncavo Baiano e a cidade natal do poeta e memorialista Osvaldo Sá. Filho de um engenheiro agrônomo, ex-intendente de Maragojipe (1916-1919) e de uma dona de casa, nasceu no Guaí, distrito da cidade, vivendo parte de sua infância respirando os ares frescos da Fazenda Água Fria, antigo engenho colonial localizado na zona rural do município. Com quatorze anos completou o antigo curso primário, mais não

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós- Graduação em História Regional e Local- UNEB- Campus V. Bolsista Capes.

seguiu adiante na escola formal. Ao longo dos anos desenvolveu o gosto pela leitura, tornando-se autodidata. Entrou no mundo das letras logo quando concluiu os primeiros estudos, fundando um jornalzinho chamado “A Natureza”. E desde aí, aprendendo com os tropeços na ortografia e gramática seguiu versejando, publicando livros e colaborando em jornais do Recôncavo, a exemplo do “Jornal *Arquivo*.”

As *Histórias Menores* figuravam no interior desse jornal, dividindo a atenção dos leitores com notícias variadas acerca da cidade de Maragogipe. Havia espaço no semanário para falar dos distritos da cidade, para as crônicas literárias e as poesias, além de diversos anúncios de propaganda. Nas crônicas de viés histórico que nos propusemos a estudar, o autor trata desde a colonização do lugar até meados do século XX, com base em documentação oficial, como as atas da câmara municipal, obras da historiografia brasileira, mais especificamente aquelas que analisavam as particularidades do Recôncavo, relatos orais e suas memórias. Memórias estas que se confundem com a história da cidade.

Ao tratar do século XX, por vezes é narrador e autor da própria história. As *Histórias Menores* também podem ser consideradas uma coleção de caráter autobiográfico, uma escrita de si, uma forma de Osvaldo Sá se perpetuar nos espaços da memória. (JOZEF apud PESAVENTO (orgs), 1998). É possível encontrar relatos de sua vida pessoal elucidando acontecimentos que considera relevante na história da cidade, a exemplo das recordações acerca das ruínas da casa-grande de antigos engenhos de açúcar nos arredores da sede do município:

Os senhores de engenho, com a família, quase sempre numerosa, habitavam a casa grande. Em nosso Município existe ainda, pelo menos na Fazenda Guaí, uma residência desse tipo colonial, de construção conveniente ao meio físico. (...) Ainda encontrei em ruínas, os restos de sua senzala (...) ficava ao sudoeste da casa grande, ao fundo. Nascemos nessa casa senhorial de, aproximadamente, 270 anos ou mais, talvez daí provenha o gosto que nos empolga pelas coisas desta terra histórica. (SÁ, 1981, p.60)

Segundo Antonio Candido, os memorialistas se empenham em tornar suas memórias um documento histórico para que estas memórias individuais nascidas no seio de determinado grupo, em geral de “grupos dominantes nos vários níveis, ou da classe média e abastada”, figurem como um testemunho de uma época. (CANDIDO *apud* MICELI, 1979). Pois, assim como a documentação oficial era utilizada para legitimar sua narrativa, suas memórias serviam como um testemunho ocular, daquele homem quase centenário, que vivenciou grande parte das mudanças dentro da sociedade que se propôs a descrever com minúcias. Uma Maragogipe idealizada, onde os escritos do autor estariam contribuindo para tirar a cidade do

esquecimento. Para Ecléa Bosi (1994), o que é rememorado, escolhido para ser lembrado, não é apenas uma memória pessoal é, sobretudo, social. Narrando, transmitindo experiências como diz Walter Benjamin (1993), Osvaldo Sá deixa para os novos, velhos ensinamentos, tomando a história como “mestra da vida”.

Não se deve menosprezar o conhecimento do que se foi, posto que, as coisas passadas nos podem ainda orientar e delas podemos extrair conclusões a fim de julgarmos com melhor juízo as coisas presentes. Nem o estudo das sociedades se pode fazer sem o conhecimento delas em outros tempos. (SÁ, 1982, p.34)

A historicidade que permeia todas as crônicas, tanto no jornal quanto na coleção, não anula a licença poética do autor, como podemos observar nesta passagem:

Se o colonizador não fosse dado às caboclas com lábios doces feito macujê e seios exalantes a goiaba e, posteriormente, à escravaria quente de África, que aqui chegava no bojo lúgubre de navios negreiros, então se entanguiria, inânime, a colônia porque Portugal com a sua população escassa, em território exíguo, não povoaria jamais a vastidão territorial do Brasil gigante. (SÁ, 1981.p.13.)

O jornal “*Arquivo*”, assim como as *Histórias Menores*, tinha como foco a cidade de Maragogipe e os acontecimentos que cercavam sua população. Todavia, as notícias que envolviam as cidades vizinhas não ficavam fora do alcance da ótica dos seus colaboradores. Os artigos que compunham o veículo noticioso abrigavam os mais variados temas. Suas colunas traziam desde o noticiário político, enlaces matrimoniais, formaturas, até notas fúnebres. Além do espaço para propagandear produtos e serviços, como orientação jurídica, aluguel de casas e venda de propriedades.

Órgãos municipais como a polícia, também usufruíam das páginas do jornal. Fotos dos “gatunos” que atazanavam a população da pacata cidade eram por vezes estampadas em suas páginas. A qualidade das fotografias nos dá a oportunidade de vislumbrar o caráter artesanal na confecção do jornal, elaborado em tipografia caseira, sem muitos aparatos tecnológicos. A redação e a administração do periódico funcionavam na residência do proprietário, na chamada Vila Bemem.<sup>2</sup> A assinatura anual custava aos leitores Cr\$70,00 e sua vendagem avulsa Cr\$5, 00.

Nas páginas do “*Arquivo*” podemos encontrar descritas um pouco da história da Maragogipe de meados do século XX, identificando quem exercia certa influência na referida cidade,

---

<sup>2</sup> Conjunto de casas de propriedade do jornalista e proprietário do jornal Bartolomeu Americano, situadas na Rua Cel. Antonio Felipe de Melo- Maragogipe- Ba. A vila possuía este nome em homenagem a esposa do dono do jornal, Dona Cândida, a quem afetuosamente chamavam Bemem. Atualmente só existe a casa onde funcionava a redação. Os moradores, filhos do jornalista, mantiveram a fachada original.

possuindo voz em suas publicações. Geralmente quem assinava as colunas e artigos do jornal eram em sua maioria, advogados, professores, membros do legislativo municipal, poetas e até membros do clero.

Podemos citar como exemplo o poeta, ex-prefeito e amigo de Osvaldo Sá, Cid Seixas, o advogado e ex-interventor Ermezindo Mendes, o poeta e compositor do hino oficial de Maragogipe, Flávio Lima, o médico e professor Ronaldo Souza entre outros. Muitos deles faziam parte do círculo de amizades de Osvaldo Sá, inclusive o proprietário do veículo noticioso, o jornalista Bartolomeu Americano, homem de grande influência dentro da cidade no período.

Mas, ao mudar do jornal para o livro, a coleção composta por três volumes, ganhou o subtítulo “*Capítulos da História de Maragogipe*”, e as características que as aproxima do gênero inspirado pela ideologia do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a corografia. O IHGB tinha como uma de suas funções incitar e patrocinar a elaboração de obras que resguardassem a memória e fossem capazes de descrever geograficamente os inúmeros municípios e regiões do país, objetivando construir uma identidade nacional (NEVES, 2002).

Mesmo seguindo como exemplo a forma de escrita das corografias, o autor não tinha vínculo direto com nenhuma vertente do IHGB. Entretanto mantinha em seu círculo de amizades, comunicando-se por meio de cartas, membros efetivos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a exemplo de Pedro Calmon e Hildegardes Vianna.

### ***HISTÓRIAS MENORES: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES***

Desde 1838, ano de fundação do IHGB, a escrita da História fora moldada pelos ideais desta instituição e mais tarde de suas congêneres. Como por exemplo, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), fundado em 1894. O conhecimento que se possuía a respeito da história regional e local estava centrado nas mãos de homens de letras, em grande parte indivíduos com algum prestígio social, aqueles que de algum modo se ligavam ou mesmo simpatizavam com a ideologia destes institutos. Homens possuidores de uma situação de vida estável sejam historiadores, jornalistas, literatos, autodidatas, religiosos, juristas entre outros. (NEVES, 2002)

Muitas dessas corografias eram por vezes patrocinadas pelos próprios autores ou elaboradas com a ajuda de algum “mecenas”. No caso de *Histórias Menores*, a prefeitura local (Governo de Antomeu de Brito Souza/ 1977-1982) e alguns amigos do autor contribuíram para a edição dos três volumes. A iniciativa da escrita, ou melhor, da reunião das crônicas nos livros partiu

de uma inquietação do próprio autor e não de uma encomenda. Segundo Neves, a corografia - gênero memorialista que reunia crônica histórica e descrições geográficas- ajudava a reproduzir a chamada história oficial e seu ideário de nação e sociedade. Além de ser de fácil acesso a um autodidata e adaptável a qualquer município ou região, muito utilizado até meados do século XX.

O autor de *Histórias Menores: Capítulos da História de Maragogipe* privilegia temáticas ligadas a esta história oficial, como por exemplo, as heranças indígena, negra e a influência do elemento branco na formação da sociedade maragojipana, que o tempo inteiro ele tenta inserir dentro de um contexto maior, a formação da sociedade brasileira.

Nem mesmo com o surgimento das primeiras universidades brasileiras essa forma de narrativa histórica foi abolida. Boa parte destas produções continua figurando como a “história oficial” de pequenas cidades e até mesmo de regiões inteiras. Essas memórias histórico-descritivas serviram de pilar para a produção de material didático que até hoje é utilizado nas salas de aula do território nacional. (NEVES, 2002.)

Acreditamos que as *Histórias Menores* é um exemplo deste tipo de escrita. Neste sentido, nos debruçamos sobre a coleção, no intuito de trazer à tona detalhes da vida cotidiana e da história da “Patriótica Cidade” através dos recortes e do olhar do literato e autodidata maragojipano, que, na coleção, demonstra pretensões de historiador.<sup>3</sup>

Afinal, as crônicas são em sua essência, narrativas que não foram pensadas e elaboradas à luz do rigor acadêmico, com a responsabilidade e o “fardo” de se chegar o mais próximo da “verdade”, ao contrário do discurso histórico pautado e regulado pelas fontes e pelas leis que regem o ofício de historiador, as “leis do meio”, como sugere Michel de Certeau (2007).

A crônica é segundo Jorge de Sá (1987), um gênero em constante movimento variando de autor para autor, ou seja, imperando a subjetividade, impregnadas das intenções de cada indivíduo. E, segundo Marina Maluf, “o texto memorialístico e a história recolhem de tempos remotos fragmentos significativos e os apresentam como um pretérito interpretado. O passado é, assim, a matéria- prima por excelência da memória e da História.” (MALUF, 1995, p.40) Dito isto, ao analisarmos a obra em questão, sustentamos a hipótese de que o autor ao reunir suas crônicas numa coleção, buscava um público mais restrito, ou melhor, mais selecionado, não somente aqueles leitores apressados dos jornais. Osvaldo Sá buscava eternizar seus

---

<sup>3</sup> Uso de fontes consideradas oficiais pelos historiadores, preocupação com a disposição das fontes, pesquisa de campo entre outros, além do uso de obras célebres dentro de uma tradição historiográfica.

escritos. Intencionava um contato mais direto com seu leitor e para isso conservou nos três volumes da coleção o diálogo com o público, característica peculiar aos cronistas de jornais.<sup>4</sup>

Acreditamos que Osvaldo Sá pretendia inserir a História de Maragogipe no cenário historiográfico que vinha se delineando na região do Recôncavo com as obras de cunho memorialístico que estavam sendo produzidas desde meados do século XX. Pois, segundo Marina Maluf, não há “trabalho de recriação do passado que não diga respeito a uma necessidade presente daquele que registra.” (MALUF, 1995, p.31)

São exemplos deste tipo de escrita as obras de Herundino Leal (1964) e Zilda Paim (1974) que escrevem sobre a História de Santo Amaro; Mário Pinto da Cunha (1982) que trata da História de Cruz das Almas ou mesmo Anfilóbio de Castro (1941), sobre a História de Muritiba, entre outros. Livros que tem em comum o caráter memorialístico, pois, segundo Carla de Quadros Araújo (2008), as obras que conservam em sua essência tais características, possuem um tom saudosista, a busca de um passado que não pode ser revivido, apenas lembrado, e seus autores chamam para si, mesmo que de forma velada, a responsabilidade de resguardar a história de suas cidades e assim salvar do esquecimento sua própria história, suas origens, em vista do imediatismo, das mudanças constantes e rápidas, frutos do progresso do mundo cada vez mais globalizado.

A coleção de crônicas de viés histórico em estudo é permeada de questionamentos. A começar pelo seu título: *Histórias Menores*. Surge desta denominação a primeira dúvida e desta outras se desdobram: Qual a influência que a cidade de Maragogipe exerce na visão de mundo de Osvaldo Sá? Qual a concepção de História de Osvaldo Sá? Esta noção o levou a retirar suas crônicas do jornal e moldá-las na forma de corografia? Essas e outras perguntas embasam o nosso estudo. Perguntas aparentemente simples e retóricas, mais que vem nos trazendo relevantes informações.

Ao fazermos as primeiras incursões pela compilação de crônicas atentamos para alguns detalhes, a exemplo da capa dos livros, desenhadas pelo próprio autor e enviadas à gráfica. No primeiro volume, o autor escolheu representar instituições como a Igreja Matriz de São Bartolomeu, a Câmara Municipal, o Fórum local e o Porto do Caijá, antigo atracadouro onde os saveiros aportavam para abastecer seus lastros levando as mercadorias para a capital, Salvador.

As apreciações de intelectuais reconhecidos nacionalmente ilustram as contracapas e as folhas de rosto dos três volumes que compõem a coleção, a nosso ver, uma tentativa do autor

---

<sup>4</sup> É recorrente na maioria das crônicas expressões como: “Estamos aqui digno ledor (...)”, “Se vai ao seu interesse amável leitor (...)”.

de validar sua narrativa de fatos históricos utilizando tais apreciações como um discurso de mediação, outra característica bastante comum nas obras de memorialistas (SARLO, 1997). Vejamos uma destas apreciações, escrita por Luis Vianna, fazendo alusão ao segundo volume da trilogia

Amigo e confrade Osvaldo Sá:

Embora com atraso, acabo de receber o livro “Histórias Menores”- vol. II, que teve a bondade de me enviar, e que li com o interesse que me despertam as crônicas sobre a História da Bahia. As que escreveu sobre o Recôncavo são de muito interesse, sobretudo para fixar os fatos que vão desaparecendo. Muito agradecido mando-lhe os meus parabéns, e, se me fosse permitido, sugeriria que continue a prestar tão bom serviço às letras e à história.

Disponha do amigo. Muito obrigado.  
(a) Luis Vianna

Osvaldo Sá demonstra clareza nas escolhas que faz no sentido de construir as tramas que originam sua coleção, sobretudo pelos autores que invocou para fundamentar sua narrativa. Segundo Beatriz Sarlo, a trama é uma síntese regulada por suposições baseadas numa idéia do que seria uma história que valesse a pena ser contada, composta pelas escolhas do autor. Desta maneira, a autora afirma que “é a trama que define a pertinência das inclusões e das exclusões na realidade, poderíamos dizer que não existe discurso sobre os fatos e sim discursos sobre (das) tramas.” (SARLO, 1997, p.77)

Ao organizar a documentação utilizada pelo autor nos deparamos com o aparente privilégio por obras de autores ligados à tradição dos institutos históricos e academias literárias, com grande destaque para os compêndios históricos e literários, além das enciclopédias. Encontramos obras de nomes conhecidos dentro de uma tradição historiográfica, como Von Martius, perpassando por Varnhagen, Gândavo, até Capistrano de Abreu. Sem falar em Luis dos Santos Vilhena, Gilberto Freyre, Southey, Aires de Casal, Sílvio Romero, Júlio Ribeiro, Pedro Calmon, Nina Rodrigues entre outros.

As obras desses autores são evocadas numa tentativa de demonstrar sua erudição e capacidade de assimilação dos conceitos expostos nos três volumes da coleção. Nas *Histórias Menores* o autor não se mostra um ficcionista, pois trabalha seus argumentos com base nas fontes que escolheu para elaborar a obra. No primeiro volume (1981), exemplar que possui vinte e nove crônicas, o autor dedica-se a tratar da história da cidade no período colonial. Utiliza-se das atas da câmara municipal, acesso facilitado muito provavelmente pelo fato de ter, em anos anteriores, secretariado alguns dos prefeitos da cidade entre 1943-1945, a exemplo de

Permínio Alves de Maia Amorim; jornais locais do período a que se propõe a descrever, além de obras célebres da historiografia que falavam da história do Recôncavo Baiano.<sup>5</sup> Faz referência ainda a aspectos sobre a escravidão, usando como parâmetro livros de escrituras encontrados nas suas andanças à procura de informações sobre a terra onde nasceu: “Em outro livro, verificamos a venda de uma escrava de 14 anos, chamada Felicidade. Era assim, o nome, sugestiva propaganda da peça que se desejava negociar. Seria deveras interessante comprar-se a Felicidade... (SÁ, 1982, p.19)

No segundo volume, lançado no ano de 1982, Osvaldo Sá trata da formação e memória do município. Neste exemplar, dá indícios de suas leituras e afirma ter na literatura uma das fontes para acessar a História.<sup>6</sup> A supervalorização do trabalho feito, como “guardião da memória” de sua cidade, também é ressaltado, sobretudo na introdução do livro: “Prosseguirei no árduo empreendimento, como a zelar de árvore que se desenvolve à custa de muito suor, mas os frutos recompensam pela delícia do sabor. E isso vale o trabalho. (SÁ, 1982, p.10)

Como é recorrente na escrita memorialística, nomes ilustres da cidade não poderiam ser esquecidos. Muitas vezes, segundo Paulo Santos Silva (2000), as memórias históricas acabavam por reproduzir biografias, “uma soma das vidas dos ilustres personagens, que sintetizariam suas épocas”, e no caso específico de Osvaldo Sá, legitimaria o lugar de onde falava, ou seja, o mundo autodidata.

E por fim, no livro que fecha sua trilogia, em 1983, destaca as mudanças no cenário da cidade, a chegada dos automóveis, os anos de estagnação política, os primeiros jornais a circular na cidade, o folclore e as homenagens ao padroeiro.<sup>7</sup> Vejamos este trecho onde o autor através de sua ótica, refere-se aos costumes da população local no período correspondente aos festejos do mês de agosto, especificamente a respeito da Lavagem Popular, visivelmente recorrendo às suas memórias:

As balizas vêm trajadas à baiana, com saias de grande roda, umas todas de alvo, outras de panos de cores, todas, porém, de muitos balangandãs, pulseiras e correntões. São sete, gente de cor, alegres, de pele lustrosa e dentes nítidos, que de início murmuram trechos de cantorias que o povo entoa durante o trajeto por toda a cidade. Cada qual carrega um estandarte, vermelho, amarelo, azul ou branco, com legendas em saudação ao Padroeiro. Surgem, por vezes, carroças ornamentadas de folhas graúdas conduzindo

---

<sup>5</sup> Como a coleção de Pedro Calmon acerca da História da Bahia.

<sup>6</sup> Cita José de Alencar como um expoente deste tipo de literatura capaz de revelar a história.

<sup>7</sup> Os festejos em louvor ao padroeiro da cidade remontam ao período colonial. Acontecem todos os anos durante todo o mês de agosto, num misto de religiosidade católica e uma grande festa profana. Segundo Erivaldo Neves, aspectos sobre os festejos e o folclore das cidades são recorrentes nas obras que se aproximam do modelo corográfico. Para saber mais sobre a Festa de São Bartolomeu em Maragojipe ver SANTOS, Fernanda Reis. *A Festa de São Bartolomeu em Maragojipe: (1860-1937)*. In: Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História- ANPUH, 2009.

meninotas de cabeleiras longas sob diadema, fantasiadas. (...) A certa altura, clama um gaiato cheio de cana: - “Seo Tiburço, maestro!...” (...) A batuta obedece ao reclamo. (...) Precisa-se de muito sangue frio para não contagiar-se a gente com tanta exaltação coletiva. (SÁ, 1983, p.124-127)

Discorre ainda sobre a geografia do lugar, dos limites com outros municípios, dos principais pontos turísticos citadinos, baseando-se para isso nos recortes de jornais colecionados em seu acervo pessoal, nas suas pesquisas nos arquivos da câmara e nas suas memórias.<sup>8</sup> No texto de encerramento da coleção, Osvaldo Sá deixa transparecer sua concepção de história, presente em outros trechos ao longo da coleção e finaliza dizendo:

[...] A História possui a semelhança daquele dito muito popular: conversa puxa conversa. Penetramos o pórtico da História, conhecêmo-la em um de seus episódios. Anima-nos e a partir daí vem-nos o anseio pelo conhecimento de outros, com pormenores, e mais outros que se seguem inextinguivelmente, as mais das vezes com agradáveis surpresas. Assim, a História é um encanto, porque nela é a vida que fala e palpita. (SÁ, 1983, p.11)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nosso ver, as “*Histórias Menores*” fazia parte de um projeto de vida do seu autor, que em entrevista ao jornal cachoeirano *O Guarani*, em novembro de 1992, afirmou ter como intenção maior revelar as minúcias de sua terra natal para outras terras. Cronistas e suas crônicas são agentes de preservação da memória coletiva e individual, merecendo relevância no que se refere ao seu valor como fonte histórica, “são particulares escritas do tempo” como disse Margarida de Souza Neves (NEVES *apud* RESENDE (org), 1995). Enfim, nas *Histórias Menores* Osvaldo Sá dá vazão ao seu poder de persuasão, aos seus dons literários e com elegância e erudição resguarda minúcias de sua terra natal, a Maragojipe sob o olhar do seu cronista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Carla de Quadros. *Guardados da Memória: Matas do Sertão de Baixo, Longos Serões do Campo e Fidalgos e Vaqueiros*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2008.

---

<sup>8</sup> Percebe-se ao analisarmos a coleção e outras obras de memorialistas, a grande importância dada à questão do espaço, um espaço praticado, como uma demarcação de poder.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 5ª ed. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *História como memória social*. In: \_\_\_\_\_. *Variedades de História Cultural*. Trad. Alda Porto. 2ªed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

CASTRO, Anfilóbio de. *História e Estrêla de Muritiba*. Editora Naval, 1941.

CANDIDO, Antonio. *Prefácio- Sobre os intelectuais*. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Ed. Difel, 1979.

CASTRO, Anfilóbio de. *História e Estrêla de Muritiba*. Editora Naval, 1941.

CERTEAU, Michel de. *A Operação Historiográfica* In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CUNHA, Mário Pinto da. *Aquarela de Cruz das Almas*. Bahia, 1982.

CHALHOUB, Sidney (orgs). *História em Cousas Miúdas: Capítulos de História Social da crônica no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.

JOZEF, Bella. “(Auto) biografia”: *Os territórios da Memória e da História*. In: LENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.

LEAL, Herundino Costa. *Vida e Passado de Santo Amaro*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1950.

\_\_\_\_\_. *História de Santo Amaro*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1964

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MALUF, Marina. *Ajuste de contas com o tempo*. In: MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

\_\_\_\_\_. *Memória sagrada, história profana*. In: MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *O IHGB na formação da historiografia brasileira: História regional e local no Brasil*. In: \_\_\_\_\_. *História regional e local: fragmentação e recomposição da crise da modernidade*. Feira de Santana: UEFS: Salvador: Arcádia, 2002.

NEVES, Margarida de Souza. *História da Crônica. Crônica da História*. In: RESENDE, Beatriz (org). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.

*O GUARANI*. Pág. 24. Novembro de 1992 / Cachoeira- Ba.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. *As Crônicas: pré-história da literatura brasileira*. In: Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PAIM, Zilda. *Isto é Santo Amaro*. Salvador, Academia de Letras, 2005. (re-editado)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Crônicas: Fronteiras da narrativa histórica*. HISTÓRIA UNISINOS. Vol. 8, Nº 10. Jul/Dez, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006

SARLO, Beatriz. *Clio Revisitada*. In: \_\_\_\_\_ Paisagens Imaginárias: Intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. Série Princípios. São Paulo, Ed. Ática, 1987

SÁ, Osvaldo. *Histórias Menores: Capítulos da História de Maragogipe*. Vols. I, II, III. Editora ODEAM Ltda. São Félix, 1981/1982/1983.

SÁ, Osvaldo. *Vala dos Meus Dias*. Vol. I, II, III. Salvador: Editora ODEAM Ltda, 1985/1986/1989.

SANTOS, Fernanda Reis. *A Festa de São Bartolomeu em Maragogipe: (1860-1937)*. In: Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História- ANPUH, 2009.

SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2000.